

VISITAS GUIADAS E VISITAS TÉCNICAS: TECNOLOGIA DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL

GUIDED AND TECHNICAL VISITS: LEARNING
TECHNOLOGY IN THE EDUCATIONAL CONTEXT

Glausirée Dettman de Araújo *

Adilene Gonçalves Quaresma **

R e s u m o

A complexa realidade da vida apresenta novos desafios para a educação. Um deles é de integrar os conhecimentos a essa realidade, preparando cidadãos, trabalhadores, consumidores, ou seja, seres humanos integrais com condições de apreender os conhecimentos e empregá-los em ações que melhorem as suas condições de vida e as dos demais. Nesse sentido, o artigo aborda a prática da visita guiada e da visita técnica como instrumentos tecnológicos que possibilitam integrar teoria e prática, conhecimentos e realidade, formação escolar e mundo do trabalho numa perspectiva de formação humana integrada, no contexto da Educação Básica e do Ensino Superior. Esse tema integra a pesquisa em execução no Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local, desde 2013, no Centro Universitário UNA. O artigo apresenta a visita guiada e a visita técnica, caracterizando os princípios tecnológicos necessários para a sua concretização e a metodologia de organização e execução de cada uma. O objetivo na aplicação da visita guiada e da visita técnica no contexto educacional é ampliar a qualidade na formação crítica dos educandos e, ao mesmo tempo, oferecer alternativas metodológicas de aprendizagem, inserindo os alunos num mundo dinâmico a partir da vivência de experiências distintas e da contextualização das experiências, histórias e culturas diversas numa perspectiva interdisciplinar, tendo em vista aproximar e contextualizar conhecimentos e realidade

* Mestranda do Programa Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário UNA (Belo Horizonte, MG). Professora na Escola Municipal Professora Acidália Lott e Coordenadora do Programa Floração na Regional Nordeste de Belo Horizonte. Especialista em Educação Comunitária pela PUC/MG. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Castelo Branco/RJ. Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá – FIJ.
✉ glausiree.araujo@gmail.com

** Doutora em educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professora do Programa Mestrado Profissional Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local e do curso de Pedagogia do Centro Universitário UNA.
✉ adilene.quaresma@prof.una.br

Palavras-chave: Visita guiada. Visita técnica. Tecnologia. Aprendizagem. Interdisciplinaridade.

Abstract

The complex reality of life presents new challenges to education. One of them is to integrate knowledge and reality preparing citizens, workers, consumers, whole human beings with conditions to grasp knowledge and employ it in actions to improve both their conditions of life and others'. In this sense, this article discusses the practice of guided and technical visits as technological tools that enable the integration of theory and practice, knowledge and reality, schooling and the world of work in an integrated perspective of human development in the context of Basic and Higher Education. This theme integrates the research that has been running in the Master in Social Management, Education and Local Development Program, since 2013, held at Centro Universitário UNA. This article presents guided and technical visits, featuring technological principles needed to achieve them and the methodology of organization and implementation of each. The goal of implementing guided and technical visits into the educational context is to increase the quality of students' critical formation, and at the same time provide methodological alternatives to learning, placing students in a dynamic world by having different experiences and by contextualizing historical and cultural experiences in an interdisciplinary perspective in order to approach and contextualize knowledge and reality.

Keywords: Guided visit. Technical visit. Technology. Learning. Interdisciplinarity.

1 Introdução

A proposta da educação atual é a formação de alunos que apropriam e ressignificam os conhecimentos científicos e sociais, tendo em vista o exercício da cidadania responsável. Segundo Teixeira (2003), é fundamental compreender como a educação vincula-se à sociedade e, a partir daí, como a prática pedagógica

constitui-se em instrumento de transformação social. Trata-se de aliar as competências técnicas e acadêmicas ao compromisso social. O autor defende uma educação que se orienta por princípios democráticos e emancipadores, sendo estes devidamente articulados aos interesses populares. A proposta é que o processo de ensino-aprendizagem seja democratizado, respeitando-se os sujeitos do ato educativo em suas realidades e, posteriormente, que os saberes apreendidos contribuam para a atuação crítica desses indivíduos na sociedade.

A escola é um espaço vivo, onde se fazem presentes várias relações sociais, políticas, culturais, econômicas, religiosas e outras. A sala de aula traz as teorias acadêmicas, enquanto os espaços fora da escola trazem o conhecimento prático, do convívio social. A prática da visita guiada, nesse contexto, vislumbra a necessidade da caracterização dos espaços não formais de aprendizagem na construção do conhecimento e do desenvolvimento dos alunos. Nesse sentido, o artigo discute a prática da visita guiada como um dos instrumentos tecnológicos para a formação humana, inserido na Educação Básica e Superior. Esse tema integra a pesquisa em execução no Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento local, desde 2013, realizado no Centro Universitário UNA¹.

¹ Belo Horizonte, Minas Gerais

O artigo apresenta a visita guiada numa perspectiva técnica, caracterizando os princípios tecnológicos necessários à sua concretização. O objetivo na aplicação da visita guiada no contexto educacional é ampliar a qualidade na formação crítica dos educandos e, ao mesmo tempo, oferecer alternativas metodológicas de aprendizagem, inserindo os alunos num mundo dinâmico a partir da vivência de experiências distintas e da contextualização das histórias e culturas diversas na criação de redes de informações subjetivas e coletivas que contribuam para a autonomia dos sujeitos de aprendizagem. O texto está estruturado em torno de quatro eixos:

- Práticas educativas fora do espaço escolar;
- Visita Guiada no contexto da educação;
- Técnica da Visita Guiada;
- Elaboração da visita técnica: procedimentos técnicos.

2 Práticas Educativas fora do Espaço Escolar

A educação, nos dias de hoje, exige a constante reflexão sobre as práticas pedagógicas, considerando-se os sujeitos da aprendizagem, as teorias educacionais mais adequadas, a estrutura curricular do ensino e outras. As atividades

pedagógicas fora da sala de aula podem constituir-se em instrumento de aprendizagem ao favorecer alternativas e inovações para o ensino. No contexto educacional, Morin (2004) apresenta os sete saberes necessários à educação. O pesquisador propõe uma mudança do pensamento, no sentido de transformar a concepção fragmentada e dividida do mundo em uma concepção aberta com ampla visão da realidade. A discussão sobre o pensamento complexo em Morin (2004) fomenta o desenvolvimento das atividades fora da sala de aula por caracterizar a construção de conhecimentos de forma aberta, complexa e interconectada com a realidade. Trata-se de promover a cidadania crítica e ética a partir do convívio social e da interligação entre as diversas disciplinas e saberes que constituem o ser humano de maneira singular e complexa com base na realidade a ser conhecida, contextualizada e problematizada.

Conforme definição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1988), as atividades extraclasses podem ser compreendidas como atividades desenvolvidas fora do espaço da sala de aula com o objetivo de reforçar e ampliar os conteúdos ministrados naquele espaço. As aulas, propostas por Freinet (1998), são aulas ao ar livre, cujo objetivo é motivar a construção do conhecimento coletivo pelos alunos. Nessas aulas exploram-se a ludicidade e o prazer das experiências cognitivas construídas em grupo, promovendo-se a aprendizagem mais significativa.

Em relação à excursão, segundo definição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1988), essa pode ser considerada uma atividade de passeio, de divertimento. Geralmente, ocorre em grupo, podendo ter um guia e roteiro determinado, com a finalidade de estudo ou de simples divertimento.

Já o trabalho de campo é uma atividade de pesquisa, na qual se estuda o fenômeno onde ele ocorre em processo natural. Engloba coleta de dados, registros das informações relativas ao objeto de estudo. Segundo Silva (2010), a aula de campo consiste numa forma de aproximação entre a teoria e a prática.

A visita técnica é utilizada na Educação Profissional e Tecnológica, nos cursos de graduação em tecnologia – tecnólogos, licenciaturas e bacharelados, principalmente na área da saúde. Visa a uma contribuição na formação do aluno através da observação das atividades práticas e situações reais de uma empresa em pleno funcionamento. Dessa forma, considera-se a visita técnica uma atividade complementar aos componentes curriculares dos cursos como um mecanismo de integração entre a universidade e o mundo do trabalho, objetivando a

complementação didático-pedagógica das disciplinas teóricas e práticas, bem como a aproximação dos alunos com o ambiente de trabalho.

A visita guiada, segundo Amador (2011), é uma visita organizada por profissionais e acompanhada por pessoal técnico, de modo a dar a conhecer algo ou um determinado local. É muito utilizada em espaços museológicos; seu objetivo fundamental é estabelecer uma ligação entre as obras expostas no interior do museu e o dia a dia dos seus visitantes. As visitas guiadas representam a oportunidade de descobrir a relação homem-espço em uma análise multidisciplinar do conhecimento humano de forma interativa e lúdica. Além disso, a visita guiada, pela sua flexibilidade, permite uma ampla interação com os recursos, estimula a experiência e a aprendizagem, além de promover uma maior conscientização com relação à conservação e à preservação do meio social.

Tais visitas fazem parte do Turismo Pedagógico, segmentação norteada pelo Ministério do Turismo (Mtur) em sua organização para fins de planejamento e gestão. Essa tipologia, segundo Beni (2001), retoma uma prática, difundida na Europa e nos Estados Unidos por escolas e universidades, que consiste na organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino, com programa de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes. Hoje, a prática é utilizada em diversos países como uma ferramenta fomentadora do currículo escolar.

3 A visita guiada no contexto da educação

As práticas educativas fora da sala de aula ocorrem, em sua essência, em espaços não formais de aprendizagem, por estimular a vivência dos conhecimentos apreendidos em situações práticas do cotidiano. Essas atividades fora do contexto escolar podem estimular a maior participação dos alunos na construção do seu conhecimento. Nesse sentido, é importante caracterizar o que são espaços não formais de aprendizagem.

Gohn (2006) defende que a educação formal está restrita ao espaço escolar com conteúdos e programas previamente organizados e definidos; a educação informal é recebida durante a socialização do indivíduo no seio social, na família, no bairro; e a educação não formal efetiva-se em processos de compartilhamento de experiências em espaços coletivos e cotidianos. Através da apropriação dos

espaços não formais, produz-se a socialização do respeito mútuo e o reconhecimento de diversas culturas numa postura identitária que valoriza o coletivo, as regras e as condutas éticas socialmente constituídas e validadas. Assim, cria-se uma aprendizagem política dos direitos dos indivíduos não somente para o trabalho, mas para a atuação em sociedade através da organização de objetivos comunitários e da resolução de conflitos oriundos desse meio. A visita guiada apresenta uma metodologia de aprendizagem que defende a cidade como um território dedicado à formação humana. Japiassu (2006, p. 54) afirma:

O sistema educativo deve promover uma formação que não seja um fechamento disciplinar e um adestramento ao pensamento apenas aplicando receitas disciplinares, mas criando projetos ricos de diversidade humana e tecendo pontos de vista e ordens de pensamento diferentes. Aquilo que mais precisamos hoje não é tanto de instrumentos, mas de cultura, permitindo-nos incentivar os estudantes, não só a ampliar o campo de seus conhecimentos, mas a descobri-los, compreendê-los, aprofundá-los sempre mais.

A proposta da visita guiada é possibilitar a relação dos alunos com a realidade, oportunizando a documentação do real pela apreensão da observação sensível direta. Com isso, contribui-se para a preservação do patrimônio material, imaterial, natural e cultural de toda a comunidade. Através da visita guiada, procura-se pensar a escola e seu entorno, o bairro e toda a cidade como territórios para o exercício da cidadania e o desenvolvimento social, utilizando-se como estratégia o processo educativo. Nesse contexto, a escola é responsável pela mediação cultural dos seus sujeitos aprendizes e também por desenvolver uma educação permanente, fomentando uma postura crítica da educação em espaços culturais, em museus abertos e fechados, contribuindo para a consciência cidadã. Essa formação ampla cria as redes de conhecimento para que os alunos instrumentalizem-se frente às desigualdades sociais e culturais, provocando o questionamento e a inquietação e, posteriormente, o desenvolvimento local.

Com a prática da visita guiada, os alunos conhecem locais distintos da comunidade em que vivem, adquirem e desenvolvem percepções sensoriais, sociais, artísticas e estéticas provocadas pelo contato com as obras, os objetos, as exposições, as culturas distintas. Nesse exercício de reflexão, os alunos retornam às

suas comunidades como agentes de transformação, nas quais os saberes adquiridos são consolidados em conhecimentos a partir da correlação entre currículo formal e informal. A visita guiada permite a reflexão sobre a importância de se respeitar as culturas diversas, fortalece a socialização, a ludicidade, a fruição e a construção de conhecimentos que ultrapassam as proposições curriculares. Estimula-se o protagonismo social dos alunos e da comunidade.

Na educação básica e no ensino superior, as visitas guiadas proporcionam conhecimentos diferentes e de distintas realidades tecnológicas, sociais, culturais, ambientais, oportunizando aos alunos a vivência de diversos fatores que interferem no processo produtivo das empresas e da sociedade em geral. Através dessas visitas, os conceitos teóricos são revistos, ocorre o diálogo entre o conhecimento produzido em sala de aula, constroem-se novos conceitos a partir da interação com a realidade.

Destacam-se como objetivos da visita guiada:

- levar os alunos a perceberem as relações entre os conteúdos teóricos e a prática;
- interagir criativamente nos contextos técnico- produtivos;
- estimular a pesquisa e a produção científica;
- oportunizar uma visão sistêmica do aluno ou da realidade, através de habilidades de análise crítica;
- aprofundar o conhecimento profissional; e sistematizar o conhecimento construído.

As visitas guiadas, como metodologia didático-pedagógica, implicam duas formas de relação do discente com o local a ser visitado. A primeira está relacionada ao conhecimento previamente ministrado em sala de aula, o qual será apreendido e entendido de maneira mais ampla na visitação. A segunda corresponde à criação de relações e saberes a partir das experiências participativas, contemplativas, perceptivas do ambiente e do entretenimento. Logo esse instrumento didático torna-se uma ferramenta auxiliar na compreensão, na contextualização e na fixação dos conteúdos ministrados em sala de aula, ao passo que modifica a dinâmica de exposição de temas.

A tarefa de educar exige saberes e práticas que se interagem em conhecimentos de cunho social, acadêmico-científico e técnico-procedimental na formação do ser humano, a fim de prepará-lo para atuar em uma sociedade complexa. A

escola precisa, portanto, adotar uma metodologia de ensino e aprendizagem que desenvolva práticas interdisciplinares, interculturais e intersetoriais na formação desse novo homem, complexo e singular.

4 A técnica da visita guiada

Para a concretização da visita guiada, são necessárias a organização e a execução de alguns procedimentos metodológicos. Dessa forma, o enfoque deste item será a apresentação das etapas para a organização e desenvolvimento da visita guiada. As etapas apresentadas a seguir são pertinentes à visita guiada que exige uma viagem com hospedagem; porém a atividade pode ser adaptada para visitas locais, desde que se retire a hospedagem. Vale ressaltar que os procedimentos elencados são oriundos de técnicas do turismo pedagógico. Consideram-se, nesse contexto, as orientações de Beni (2001), Ansarah (2001) e Raykil e Raykil (2005).

A primeira etapa para o planejamento da visita guiada é a escolha do local a ser visitado. O destino deve contemplar a disciplina ou as disciplinas a serem ministradas. O próximo passo é conversar com professores e verificar se alguém do grupo docente interessa-se pela atividade interdisciplinar. Em seguida, deve-se fazer um levantamento dos pontos turísticos do local que será visitado. Logo depois, é importante escolher a cidade, o meio de hospedagem, o local das refeições, os demais locais de visitação e o meio de transporte adequado. Quando o local estiver definido, deve-se saber o tempo de viagem da escola ao ponto de destino, as cidades ou bairros próximos num raio de 100 km e 200 km. A parte mais onerosa é a hospedagem, a qual deve ser selecionada considerando melhor local e custo x benefício. Os serviços próximos, tais como padarias, farmácia, hospital, restaurante e outros, são importantes para se definir a hospedagem. A etapa subsequente é pesquisar as atrações do local para se elaborar um roteiro, o qual deve conter uma lógica, ou seja, um roteiro histórico, um roteiro cultural, um roteiro esportivo, um roteiro gastronômico e outros.

O próximo passo é definir o local de alimentação do grupo. Esse lugar deve atender às demandas do grupo e acomodar todos os visitantes. Posteriormente, o docente responsável deve elaborar o projeto de visita guiada. Este contém alguns tópicos fundamentais, que são: introdução, objetivos gerais e específicos,

justificativa, roteiro, planilha financeira, anexos. A introdução apresenta uma descrição do local a ser visitado e a importância da visita guiada para o aprendizado dos discentes.

Na introdução, é importante descrever o local a ser visitado, inserir a relevância da atividade para a aprendizagem do aluno e caracterizar a transdisciplinaridade da visita guiada. Na justificativa, é fundamental explicitar o motivo da visita e da escolha do local para a sua execução. Ressalta-se também como a atividade pode contribuir para o aprendizado do aluno. Nos objetivos gerais e específicos, deve-se responder à pergunta: “*para que executar a visita guiada?*”. Surgem, então, os objetivos: pesquisar determinado tema; identificar certo fenômeno; e outros.

Para a concretização da visita guiada, a elaboração do roteiro é um dos fatores principais. Na concepção de Brambatti (2002, p. 15), “os roteiros são percursos, caminhos, rotas percorridas por turistas, com o objetivo de usufruir de um contexto, visto no seu conjunto, de forma organizada e atrativa”. Dessa forma, o roteiro pode ser considerado como uma ferramenta para conhecer a realidade de determinado local. Para a sua elaboração, é fundamental a criatividade e a pesquisa, a fim de que os visitantes tenham uma visão ampla do local visitado, de forma ordenada, respeitando também a diversidade e a cultura locais.

Na sequência do roteiro, é fundamental estabelecer o *marco zero* da visita guiada. A partir da escolha do marco referencial, todo o roteiro deve ser estruturado em função da significação de aprendizagem desse marco. Posteriormente, o professor deve fazer uma pesquisa bibliográfica a partir dos pontos de visitação definidos. Em seguida, levantam-se datas, curiosidades, aspectos históricos, culturais e outros relevantes à execução da visita guiada. O resultado da pesquisa será a fundamentação teórica da atividade. Nesse ponto, acrescentam-se a interdisciplinaridade, a experiência do professor e as características pedagógicas referentes aos objetivos da visita guiada.

Desse momento em diante, é fundamental verificar a logística da atividade, ou seja, os procedimentos operacionais, que são:

- confirmar os meios de transporte;
- definir lista de passageiros e providenciar a documentação necessária;
- verificar a disponibilidade de recursos financeiros;
- verificar o seguro de vida dos passageiros; entre outros.

Em seguida, o professor deve organizar o roteiro de viagem, no qual deve constar o horário de chegada e saída de cada local. A etapa dos custos financeiros deve ser criteriosamente planejada, e deve-se elaborar uma planilha financeira da visita guiada. Nela devem constar todos os custos da atividade, que apontam desde transporte, entradas em museus, lanches, estadias, despesas extras e outras. No item *anexos*, são incluídos mapas e informações significativas para os participantes da visita guiada. Finalizado o projeto escrito, a etapa seguinte é o preparo dos alunos e das aulas que contemplam os objetivos da visita guiada.

Em sala de aula, o professor prepara previamente o material de estudo numa versão pedagógica para apresentar aos alunos a ideia da visita guiada e sua importância para a aprendizagem. É interessante desenvolver trabalhos, estudos dirigidos, jogos interativos e pesquisas para que os estudantes compreendam o roteiro da visita guiada e, até mesmo, possam contribuir para a sua complementação. É fundamental apresentar a visita guiada aos pais, esclarecendo todos os dados da mesma, caracterizando a relevância pedagógica da atividade para o sucesso escolar do aluno. Na apresentação para os pais, devem constar o roteiro de viagem, as questões de segurança, alimentação, hospedagem, transporte, bagagem dos alunos, autorização para viagem e outros.

O processo de avaliação da atividade pedagógica da visita guiada ocorre desde o seu planejamento até a finalização da sua execução. Porém, após a conclusão da atividade, é primordial iniciar uma avaliação mais sistematizada. O professor deve recolher os registros e relatórios técnicos dos alunos. Sugere-se que se faça uma filmagem com os relatos individuais e coletivos. É importante coletar as fotos mais significativas e estimular a confecção de vídeos pelos alunos e sua posterior apresentação para a comunidade escolar. Em reuniões coletivas entre os alunos e os professores, deve-se discutir a relevância e o crescimento do grupo a partir da viagem. Numa etapa seguinte, sugere-se que os alunos e os professores envolvidos na atividade comuniquem-se com os locais visitados, agradecendo a visita e apresentando sugestões para melhorias nesses lugares.

5 Visita técnica: princípios fundamentais

A contemporaneidade tem intensificado as mudanças e dinâmicas no sistema capitalista de trabalho. Com isso, percebe-se a mundialização dos mercados, a multiplicidade de produtos e serviços, as alterações das formas de concorrência

entre as empresas, a formação de amplas redes de subcontratação, a elevação da competitividade industrial, a intensificação do uso das tecnologias informacionais e as novas formas de gestão do trabalho.

As mudanças mercadológicas exigem novas propostas de ensino e aprendizagem que fomentem a formação de um sujeito ativo, sendo este capacitado a se posicionar socialmente e a intervir conscientemente no meio social com propostas condizentes com o paradigma da complexidade. Dessa forma, a visita guiada e a visita técnica corroboram para a formação desse sujeito complexo e interdisciplinar. A visita guiada, utilizada no ensino fundamental para uma formação ampla e transdisciplinar, é somada à formação da visita técnica, que agrega valores do mundo do trabalho e da qualificação profissional aos jovens aprendizes. Enfim, a visita guiada e a visita técnica contribuem para a formação integral e complexa do ser humano e ao mesmo tempo proporcionam uma postura de respeito e tolerância frente às diversidades do mundo contemporâneo.

De acordo com Deluiz (1996), o processo mercadológico atinge as dimensões políticas, sociais e culturais, pois causa a desregulamentação das economias nacionais, a reestruturação do mercado de trabalho, criando novas formas para a sua execução e a sua flexibilização. Com isso, aumentam os empregos precários, o desemprego torna-se cíclico e estrutural e ocorre a exclusão de contingentes de trabalhadores do mercado formal. Em consonância, enfraquece-se a mobilização dos trabalhadores via meios sindicais, e se evidencia a segmentação da força de trabalho, na qual se encontram trabalhadores formais, trabalhadores excluídos, trabalhadores qualificados e não qualificados, trabalhadores de empresas modernas, trabalhadores terceirizados e outros.

O mercado diversificado e flexível amplia o trabalho precarizado e informal e exige a formação de um trabalhador multiqualificado. Esse trabalhador deve ser polivalente, exercer com automação funções cada vez mais abstratas e intelectuais, que requerem menos trabalho manual e mais trabalho intelectual. Trata-se de uma manipulação simbólica, na qual o trabalhador deve apresentar capacidade de diagnóstico, de solução de problemas, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho, de trabalhar em equipe, de organizar-se e de enfrentar constantes situações de conflitos e de mudanças.

Cabe à educação o papel de formar esse trabalhador polivalente, que, num sentido amplo, torna-se muito mais um profissional generalista do que um profissional

especialista. Essas novas competências exigem um processo educacional que se efetive em médio e em longo prazo sobre bases sólidas de uma educação geral.

Deluiz (1996) pontua que a educação técnico-profissional começa a refletir sobre a necessidade de estar articulada à educação geral, para evitar a dualidade histórica entre educação propedêutica X educação profissional-instrumental, dando respostas à dupla dimensão dos objetivos educacionais: preparar o profissional competente e o cidadão socialmente responsável, o sujeito-político comprometido com o bem-estar coletivo. Pereira (2002, p. 36) afirma:

Nessa história, recente e atual, é demandado aos sistemas educacionais um ajuste às novas maneiras que o capital encontra para administrar as suas crises, no caso a produção de um trabalhador polivalente, com capacidades, conhecimentos, valores e atributos, destreza e capacidade de resolver problemas, compatíveis com o mundo do trabalho em mutação.

Para a efetivação dessa educação globalizada é pertinente considerar a interdisciplinaridade curricular que aponta para práticas educativas marcadas pela historicidade na construção do conhecimento e pela compreensão do pensamento hegemônico do mundo do trabalho. É fundamental pontuar que a formação humanística e crítica entra em choque com as exigências pragmáticas e objetivas do conhecimento.

Nesse sentido, a qualificação dos trabalhadores dá-se mais ligada ao saber ser do que ao saber fazer. O conjunto de competências exigidas pelo trabalho concreto, isto é, a articulação de saberes formais, informais, teóricos, práticos para solucionar problemas e lidar com situações imprevisíveis, a mobilização da inteligência caracterizam-se como competências necessárias ao trabalhador atual, polivalente.

O conceito de polivalente aproxima-se da definição de politecnia. Esta define um trabalhador com princípios autônomos. Na sua formação, esse profissional aprende não somente o como fazer, mas também o porquê de fazer. Com isso, o trabalhador domina os diferentes processos do sistema produtivo, com suas bases técnicas e científicas. Além disso, ele conhece as diferentes técnicas, equipamentos e métodos, valorizando as suas origens e seus processos éticos. Evidencia-se o conhecimento do trabalhador pelo processo produtivo, desde a sua idealização à sua conclusão e às implicações sociais deste.

Na formação dessas competências, é fundamental proporcionar aos trabalhadores agir como cidadãos produtores de bens e de serviços, mas também como atores na sociedade civil, inseridos num processo de equidade e democratização. Às competências profissionais devem ser acrescentadas as competências políticas que permitem ao indivíduo refletir e agir criticamente sobre a esfera produtiva. Dessa forma, o trabalhador deve compreender sua posição e sua função no mundo do trabalho, seus direitos e deveres nesse contexto e ainda participar da vida pública. Com essa formação ampla, o trabalhador torna-se sujeito dotado de interesses próprios e um interlocutor da sua comunidade.

Atualmente, muitas instituições de ensino utilizam a estratégia pedagógica da visita técnica para agregar diversos valores na formação dos estudantes. Essa atividade permite explorar conteúdos diversos e armazená-los de forma rápida e com bom entendimento, motivando os alunos e possibilitando a interação destes com o meio social e produtivo. Por outro lado, para que os objetivos sejam alcançados, a visita técnica deve ser bem planejada e explorada.

De acordo com Carbonell (2002), a mente aprende e retém as informações quando o corpo interage na busca pelo conhecimento de forma ativa. Com isso, o ser humano aprende mais explorando os lugares, onde o sujeito de aprendizagem apresenta um papel ativo no processo de ensino. Carbonell (2002, p. 88) afirma:

São necessários espaços físicos, simbólicos, mentais e afetivos diversificados e estimulantes, aulas fora da classe, em outros espaços da escola, do campo e da cidade. Porque o bosque, o museu, o rio, o lago etc., bem aproveitados, convertem-se em excelentes cenários de aprendizagem.

A visita técnica promove o encontro do acadêmico com o universo profissional, proporcionando aos alunos e participantes uma formação mais ampla. Durante a sua realização, é possível observar o ambiente real de uma empresa em pleno funcionamento, verificar a sua dinâmica, a sua organização e todos os fatores teóricos implícitos nela. Além disso, observam-se aspectos teóricos que fundamentam as empresas e apontam-se estudos futuros para hipóteses, teses e teorias que ocorrem na prática do trabalho. De acordo com Machado e Oliveira (2013, p. 2):

Na educação profissional e tecnológica, as visitas técnicas contribuem para a realização da mediação entre o mundo acadêmico e o universo profissional real numa determinada área de atuação, para observar diversos aspectos envolvidos nos processos de trabalho, para obter informações diversas sobre o mundo do trabalho e visão complementar sobre o exercício futuro de uma determinada ocupação ou profissão. Podem ampliar a significação do processo de ensino-aprendizagem e permitir encontrar novos elementos para análises, avaliações e criações.

A educação atual exige a formação de um aluno integral. Dessa forma, as atividades complementares tais como: de iniciação científica, de extensão, projetos multidisciplinares, vistas técnicas, monitorias, estágios e outras são exemplos de que o conhecimento transcende as paredes da sala de aula. Nesse contexto, as visitas técnicas oportunizam a prática do conhecimento produzido em sala de aula, sejam essas visitas realizadas em empresas e em outros ambientes. Com as visitas técnicas, os alunos ampliam as experiências pessoais e seus aprendizados. Desenvolvem-se os conhecimentos técnicos sobre as profissões almejadas pelos estudantes, sendo estas acrescidas da confiança, da disciplina, da rede de saberes, da riqueza dos relacionamentos interpessoais e da propriedade de se trabalhar em equipe.

Em contrapartida, a equipe docente extrapola o universo acadêmico, relacionando a teoria e a prática e estreita-se o vínculo com a realidade, fomentando-se novas pesquisas e investigações científicas que promovam o desenvolvimento local. Favorece-se a gestão e a coordenação dos cursos, pois as etapas da visita técnica requerem um tratamento interdisciplinar que articula diversas áreas do conhecimento em torno de uma área ou tema em comum.

É importante esclarecer que a visita técnica apresenta como objetivo fornecer uma visão dos aspectos operacionais, das instalações de determinada instituição ou empresa, do caráter de organização geral e do sistema de serviços. Trata-se de uma visita oficial que pode ser feita a centros científicos, a empresas, a escolas, a hospitais, a instituições, entre outros. Normalmente, a visita técnica é orientada por um professor; a maioria delas é voltada para a área da educação e visa a um maior aprendizado e à aproximação entre a teoria e a prática pelos alunos.

Através do contato com o mundo do trabalho e com profissionais de diversas empresas e de vários setores trabalhistas, os estudantes têm a oportunidade de compreender os desafios e as possibilidades da profissão, adquirindo

a responsabilidade do profissional exigida na área de atuação. No processo de aprendizagem por meio da visita técnica, o aluno constrói e reconstrói o conhecimento de forma ativa e participativa, inserido no contexto histórico, cultural, político, social coerente com os seus processos de vida. Isto fomenta a autonomia e a iniciativa dos alunos perante os desafios.

Nesse sentido, o aluno é agente na produção de conhecimento. A visita técnica é uma atividade realizada em grupo e envolve a relação entre as pessoas, a divisão de tarefas, a liderança, o debate de opiniões, o comprometimento com o trabalho coletivo e individual. A atividade permite o contato do aluno com experiências novas e diversificadas, permitindo a este a construção de uma visão mais ampla sobre a profissão e o questionamento desta no contexto social. Por outro lado, aprimora a visão crítica do aluno em relação ao mundo do trabalho, o seu papel enquanto profissional e o papel da empresa inserida no sistema capitalista de produção.

A atividade permite também a formação do perfil do profissional, ou seja, as relações sociais no universo da empresa, os condicionantes sociais envolvidos na profissão, tais como: a postura profissional, a linguagem de trabalho, a vestimenta do profissional, os comportamentos e códigos éticos da profissão, as normas de segurança do trabalho e da empresa. Enfim, por meio da visita técnica, o estudante constrói o perfil profissional exigido pelo mercado de trabalho.

6 Elaboração da visita técnica: procedimentos técnicos

Em relação à organização e planejamento da atividade da visita técnica, é importante ressaltar algumas etapas para a sua execução. Assim, é fundamental ocorrer a aprovação da proposta de visita técnica pelos professores no início do semestre letivo; em seguida, um planejamento prévio da atividade, o agendamento, a definição dos responsáveis e dos participantes da visita técnica, a proposta avaliativa da visita.

Os cursos de graduação e os cursos técnicos são diferentes; portanto, as visitas técnicas ocorrem de acordo com os objetivos e currículos de cada curso específico. Dessa forma, os cursos da área da saúde visitam hospitais, clínicas para observar a gestão hospitalar, o processo cotidiano de atendimentos, os procedimentos dos profissionais da área, as condições sanitárias e outras. Cursos de Engenharia procuram oportunizar aos alunos a vivência do trabalho ao se visitar as indústrias de base, nas quais se verifica a produção tecnológica dedicada à área

e os canteiros de obras, nos quais se vivencia a gestão administrativa e pessoal de todos os recursos envolvidos na construção. Por outro lado, os cursos da área da Geografia apresentam as visitas técnicas mais abertas; nesse sentido, os integrantes da atividade visitam parques, aterros sanitários, locais com formações geológicas específicas e outros.

A atividade é organizada pela coordenação do curso com o aval dos professores. Geralmente, a visita técnica apresenta o objetivo de complementar a formação acadêmica. Um ou mais professores são responsáveis pela atividade. A partir desse ponto, define-se a metodologia do trabalho, os participantes, a data de realização da visita técnica e a forma de avaliação da atividade. Devido à diversidade dos cursos, a coordenação geral acompanha desde o surgimento da ideia ao seu planejamento, a sua execução e a avaliação final.

Em outra etapa subsequente, está a comunicação e o agendamento com as empresas, indústrias e outros ambientes diversos. Muitos locais exigem uma logística que vai desde a segurança dos visitantes, como regras específicas, horários, a outras necessidades e regras para receber grupos de alunos. Portanto, o agendamento da atividade é organizado previamente em consonância com a necessidade e disponibilidade das empresas e do curso.

Em seguida, o professor responsável explicita para os alunos a dinâmica da visita técnica e a sua organização. Este esclarece para os alunos o sistema de avaliação, o comportamento exigido pelo local a ser visitado, as regras de visitação, horários, datas, etc. Em caso de transporte para o grupo, ocorre a necessidade de se verificarem as possibilidades de seguro para os participantes da atividade. Em caso de viagem, é fundamental prever e organizar a alimentação do grupo. A lista de presença é obrigatória para se avaliar a participação dos alunos.

A avaliação da visita técnica é concretizada no decorrer da atividade e no pós-atividade. Para isso, algumas instituições optam por relatório técnico, outras por socialização oral em sala de aula, outras por seminários ou pela produção de artigos científicos, além de outros. Por outro lado, o professor deve oferecer aos alunos ausentes outra forma de avaliação.

Durante a visita técnica, os alunos recebem a orientação dos professores, bem como os procedimentos técnicos a serem analisados e registrados. As orientações são realizadas previamente em sala de aula, onde os docentes expõem o que será visto, o objetivo da atividade, a interlocução entre a teoria e a prática e os alunos

realizam estudos sobre o tema. O aluno é acompanhado pelo professor durante todo o processo da visita técnica.

Na questão avaliativa, o professor define previamente as etapas de valorização da atividade. Cada professor tem autonomia para isso. Então, alguns solicitam relatórios, descrições da atividade, exposição de fotografia, e outros. Valoriza-se a capacidade de o aluno produzir conhecimentos e aplicar os conceitos estudados a partir da visita técnica executada. Para isso, a visita técnica não deve ser considerada um passeio, mas uma atividade formal, com planejamento e muita observação. O objetivo é aprofundar o conhecimento da sala de aula através de estudo, da análise e da avaliação.

As visitas técnicas ampliam a visão de mundo dos alunos, promovem o relacionamento com a realidade social, na qual os alunos atribuem novos significados aos saberes adquiridos, desenvolvem novas experiências, aprimoram a capacidade de observação dos fatos e fenômenos e diversificam a forma de elaborar relatórios e produzir os registros e sínteses individuais ou coletivas da visita.

Enfim, o sucesso da visita técnica e sua produtividade dependem da execução de todas as etapas citadas anteriormente. O conhecimento e a pesquisa iniciam-se em sala de aula e estendem-se para a comunidade. Toda visita técnica deve ser inserida no plano de aula e encontrar-se em consonância com os objetivos da formação do aluno, devendo atender aos critérios definidos pelos professores e suas respectivas disciplinas.

Em relação ao aluno, ele deve participar de todas as etapas que envolvem a realização da visita, que são: a definição do local, a data, os serviços de transportes, a elaboração do roteiro e o conhecimento do local mediante pesquisa prévia. Durante a visita, são prioritárias as anotações e registros, pois a visita técnica apresenta objetivos didáticos, sendo operacionalizada e discutida antecipadamente. Geralmente, o relatório da atividade é fundamentado nas anotações produzidas ao longo da visita e nas conclusões técnicas em consonância com o conhecimento produzido em sala de aula.

A aprendizagem do aluno ocorre de forma sistematizada. Nesta valoriza-se o trabalho do professor em sensibilizar o grupo para a realização da atividade, a organização e o desenvolvimento da visita técnica de forma que possibilite aos alunos a vivência de conhecimentos que extrapolam o universo acadêmico e contribuem para o desenvolvimento das competências técnicas exigidas pelo curso de formação. O aluno deve participar de todas

as etapas para a efetivação da construção do conhecimento científico com profundidade e para desenvolver seu potencial técnico-produtivo, sendo este contextualizado socialmente.

Como exemplo de uma visita técnica, pode-se citar a proposta pelo curso de Turismo do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL – Unidade de Lorena. A atividade é orientada pelos professores e, como forma de registro, os alunos devem responder a um questionário ao longo da visita de uma cidade. Outra etapa da visita técnica é a entrega do laudo técnico da atividade.

Na sistematização dessa visita técnica, os alunos devem observar os seguintes itens:

- descrever as atividades desenvolvidas;
- o tipo de atividade;
- a organização e a comissão que prepara a visita técnica;
- o meio de transporte;
- os dias e horários de visita;
- a data da saída; e
- o horário de retorno.

No que se refere às atividades executadas, os alunos devem registrar a identificação da cidade visitada, que contém os seguintes passos:

- denominação da cidade;
- localização relativa;
- localização absoluta;
- distância da cidade em relação à capital do estado, do país e de outros centros urbanos (Brasília, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte).

Outro item a ser registrado são as vias de acesso à cidade, no caso, as principais rodovias. Ainda devem ser registradas as informações sobre o histórico da cidade e sua formação, os fatos relevantes sobre a mesma, os atrativos existentes, tipos de construção, arquitetura e planejamento urbano.

Em relação aos recursos naturais, o registro dos alunos deve explicitar o tipo de clima, a vegetação predominante, o relevo, a hidrografia, os recursos minerais. Outro aspecto a ser observado é a receptividade da população à atividade turística. Assim os alunos devem identificar os serviços e equipamentos existentes na cidade. Destes, apontam-se:

- a infraestrutura;
- os serviços e equipamentos;
- a pavimentação e o calçamento;
- o saneamento básico (água e rede de esgoto);
- a iluminação;
- a coleta de lixo;
- e o transporte urbano.

Os alunos devem registrar as observações pertinentes à existência e à qualidade dos serviços prestados pelas escolas, faculdades, universidade, teatros, casas de show, boates, restaurantes, bares, lanchonetes, hotéis, pousadas, pensões e outros meios de hospedagem. Ainda, em relação aos serviços, os alunos devem observar a qualidade de clubes, parques, zoológicos, comércios, supermercados, lojas de artesanato, agências de viagens e serviços de informações turísticas.

Os locais visitados atendem a um roteiro prévio, entregue pelo professor. O próximo item revela a análise e a conclusão da atividade, no qual devem constar os aspectos relevantes e mais atraentes da cidade e, além disso, os aspectos negativos identificados. Em complementação, registra-se também a importância do estudo do meio para o curso, as impressões sobre colegas e professores e locais que o aluno recomendaria para visita. As referências usadas devem ser citadas, ou seja, as fontes de informação, folhetos, mapas, folders e outros materiais utilizados para a execução da atividade. E, finalmente, o questionário deve conter a data, o nome do pesquisador e os comentários.

Ao se propor a visita técnica como ferramenta curricular para complementar a formação discente com uma observação sistemática, é primordial orientar os alunos para o que fazer, como fazer e por que fazer a visita técnica. A atividade ainda exige um conhecimento teórico prévio para que seu desenvolvimento seja interessante e sua conclusão produtiva e eficaz do ponto de vista da aprendizagem.

De acordo com Veloso (2000), a característica fundamental para a execução da visita técnica é que a base da verificação de cada detalhe técnico a ser observado englobe desde os pontos mais simples aos mais complexos e elaborados. Isso significa que o aluno deve estar atento para acompanhar e registrar os fenômenos e fatos em seus graus diferenciados, sendo estes mais rudimentares ou mais sofisticados. Outro fator primordial é a organização da atividade técnica que deve ser

estruturada a partir de um planejamento prévio, observação e registro. Nesse sentido, a visita técnica deve possuir uma sequência didática para a sistematização do conhecimento, por isso não se trata de um simples passeio.

Dencker (2001) afirma que a visita técnica deve apresentar a teoria, o método e a técnica para adquirir o caráter científico. Para se caracterizar uma observação sistemática enquanto produção de conhecimento científico, a visita técnica segue algumas prioridades que são: uma ordem técnica para registrar e quantificar os dados observados; para, em seguida, ordená-los e qualificá-los. Logo após, deve-se estabelecer uma teoria ou hipótese para tratamento dos dados, significando-os. Enfim, trata-se de adotar o método científico na realização da visita técnica. Com isso a proposta é regulamentar a visita técnica como estratégia de formação acadêmica e profissional dos estudantes do nível técnico profissional e de nível da graduação.

7 Considerações finais

A qualificação do trabalhador aponta a necessidade de uma formação embasada no mundo real. Trata-se de transcender os saberes tácitos incorporados ao longo da trajetória profissional e incorporar um conjunto de competências que estão direcionadas para a subjetividade e intersubjetividade do trabalhador. Assim, a busca de referenciais para aprender as competências e captar a sua dinâmica deve ser forjada em situações concretas. Este ainda é um desafio para as escolas de formação técnica, de formação profissional, para pesquisadores e para as empresas, pois exige a articulação de todos esses setores que integram a dinâmica social e produtiva.

O exercício da problematização, da autonomia, da negociação e da participação das instituições de formação profissional pode propiciar aos alunos uma experiência ampla e contextualizada, que expressa as necessidades da complexidade da vida social e dos mercados contemporâneos.

O uso da visita guiada como ferramenta de aprendizagem possibilita que os sujeitos do ato educativo vivenciem experiências completas e complexas, que contextualizam histórias e culturas diversas, criando laços e conexões de informações que promovem a formação para a autonomia dos educandos e para a construção dos pilares que sustentam a vida em sociedade. Conhecer o outro

provoca o olhar para si mesmo e, em seguida, esse olhar reverte-se para a reflexão da realidade e da sociedade, na qual o aluno está inserido. A partir daí, o conhecimento apreendido no processo educativo transforma-se em uma atitude crítica que promove uma sociedade mais humanitária, responsável e preocupada com a redução das desigualdades sociais.

Os conhecimentos produzidos são os laços e as redes de saberes técnicos procedimentais e atitudinais que oportunizarão aos jovens educandos transcenderem a própria realidade excludente para a construção de uma sociedade mais autônoma e crítica. É necessário promover uma educação para a pluralidade. A educação tem como função básica preservar, cultivar e desenvolver a diversidade. Nesse sentido, pode-se dizer que a riqueza humana é produzida nessas vivências. Os cidadãos contemporâneos devem ser formados nessa concepção de respeito e de convivência harmônica entre os povos.

A visita guiada e a visita técnica propõem um sentido de conhecimento que se baseia na busca de relações, que ajudam a compreender o mundo a partir de uma dimensão complexa. Destaca-se também que as linguagens dessa experiência permitem a vivência estética, a emoção e o exercício da sensibilidade. As visitas guiada e técnica possibilitam aos alunos uma reflexão sobre o cotidiano. E a solução para os problemas reside na mobilização dos alunos que utilizam os saberes histórico-pessoais, disciplinares, sensoriais, artísticos e outros na criação de uma rede de conhecimento em função do desenvolvimento local.

Destaca-se que a eficácia das visitas técnicas e visitas guiadas no contexto educacional podem aprimorar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A adequação das visitas ao currículo oportuniza a melhoria do aprendizado dos conteúdos de sala de aula, para a aquisição de novos conhecimentos e para a integração entre a teoria e a prática. É importante que as visitas ocorram de forma planejada e organizada, promovendo a sinergia entre a educação, as empresas e a sociedade. Além disso, através das visitas, incentiva-se a pesquisa e amplia-se o campo de atuação dos alunos.

Referências

AMADOR, Maria do Rosário Henriques. *Em que medida o serviço educativo do museu tem um papel activo na formação das crianças*. 2011. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2011.

ANSARAH, Marília Gomes dos Reis (Org.). *Turismo: como aprender, como ensinar*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

BENI, Mário Carlos. *Análise estrutural do turismo*. 6. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

BRAMBATTI, Luiz E. (Org.). *Roteiros de turismo e patrimônio histórico*. Porto Alegre: Est. Edições, 2002.

CARBONELL, J. A *aventura de inovar: a mudança na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DELUIZ, Neise. A globalização econômica e os desafios à formação profissional. *Boletim Técnico do SENAC*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 15-21, maio/ago 1996. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/bts/222/boltec222b.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

DENCKER, Ada de Freitas. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. 5. ed. São Paulo: Futura, 2001.

DICIONÁRIO Aurélio básico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREINET, Célestin. *Pedagogia do bom senso*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2008.

JAPIASSU, Hilton. *O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

MACHADO, Lucília; OLIVEIRA, Luiz Fabiano M. Visitas técnicas e desenvolvimento de habilidades profissionais em cursos superiores de tecnologia. In: CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2. Editora UFMG: Belo Horizonte, p57-72, 2013.

MORIN, Edgar. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. 9. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2004.

PEREIRA, I. B. *A formação profissional em serviço no cenário do Sistema Único de Saúde*. 2002. Tese (Doutorado) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política e Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

RAYKIL, Eladyr Boaventura; RAYKIL, Cristiano. Turismo pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino-aprendizagem. *Global Tourism*, São Paulo, v. 1, n. 2, 2005.

SILVA, Ana Maria Radaelli da. *Trabalho de campo: prática andante de fazer geografia*. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre. *ANAIS...* Porto Alegre, 2010. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB0QFjAA&url=http%3A2F%2Fwww.agb.org.br%2Fevento%2Fdownload.php%3FidTrabalho3D4503&ei=CWDrVKu4ulyASZ6I-G4Cw&usg=AFQjCNGlZfOIaJKAjREEICDYqPBnEZBygQ&bvm=bv.86475890,d.aWw> Acesso em 14 de julho 2014

TEIXEIRA, Paulo Marcelo M. A educação científica sob a perspectiva da pedagogia histórico-crítica e do movimento C.T.S. no ensino de ciências. *Revista Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 177-190, 2003.

VELOSO, Marcelo. *Visita técnica: uma investigação acadêmica*. Goiânia: Kelps, 2000.